



A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO HUMOR NAS CARICATURAS FEITAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
THE GRAPHIC REPRESENTATION OF HUMOR IN CARTOONS MADE BY KIDS AND TEENAGERS

Elisângela de Freitas Mathias / UNESP

RESUMO

Este artigo propõe apresentar uma reflexão sobre a forma como as crianças e os adolescentes representam graficamente o humor nos desenhos de caricaturas, bem como a influência do meio social e cultural na vida das crianças e, conseqüentemente, em seus desenhos.

PALAVRAS-CHAVE

Desenho infantil; humor; aprendizagem.

ABSTRACT

This article presents a reflection about the way that kids and teenagers graphically represent the humor in cartoons and charges, checking up on the influence of the social and cultural environment in their lives and, consequently, in their draws.

KEYWORD

Children's drawing, humor, learning.

O desenho de humor

O humor gráfico é uma linguagem que se baseia no componente visual como representação do pensamento, do conhecimento. A junção do texto verbal com o teor visual cômico resulta em um recurso artístico comunicacional que usa um vocabulário de signos para se expressar enquanto linguagem. Como toda linguagem, o desenho de humor carrega códigos específicos para que se faça compreensível. Existe a necessidade de uma participação ativa da pessoa que observa uma imagem de humor gráfico, pois além da leitura da imagem e do texto, é preciso acionar um repertório cultural do indivíduo para que este entenda a piada.

O riso em nossa sociedade toma rumos distintos quando analisado de diferentes pontos de vista. Existem inúmeros estudos sobre a comicidade e o riso dela resultante. O filósofo Henri Bergson (2001), em sua teoria do riso, enfatiza que a natureza cômica e o humor são assuntos um tanto complexos por que, estes, variam conforme as influências e o repertório cultural de cada indivíduo. O cômico, para Bergson, acontece diante de fatores intrinsecamente humanos: a humanidade, a insensibilidade e a sociabilidade. O fator humanidade se dá pela própria condição de ser humano ao conferirmos atitudes humanas às coisas e fenômenos dos quais rimos. O exemplo de um chapéu, que por si só não é engraçado, mas a forma como os homens dão ao seu uso é risível comparado ao que esperamos de um chapéu. O fator insensibilidade confere 'despir de todo sentimentalismo' e dirigir-se à inteligência pura. A socialização é a significação social que damos ao riso. Rimos em grupo, tanto que existem piadas direcionadas a grupos específicos como é o caso da piada dirigida aos físicos que diz "o que o físico disse quando atendeu ao telefone? PRÓTON!". Pode ocorrer que a um determinado grupo esta piada não surta o efeito de humor esperado e todos deste grupo fiquem "boiando".

Nos estudos sobre a comicidade, Propp (1992) analisa os diferentes tipos de riso, as suas causas e fatos que provocam esse ato. O riso bom, o riso de zombaria, o riso alegre, o riso cínico, o maldoso, o ritual, o imoderado, são todos resultantes de um fator específico em cada caso. Em sua pesquisa Propp, define duas linhas caricaturais existentes, tanto na literatura, no cinema, no teatro quanto no desenho. A caricatura dos fenômenos de ordem física (nariz grande, barriga avantajada, calvície) e a caricatura de fenômenos de ordem espiritual (avareza, gula, soberba).

Em ambos os casos o exagero dos caracteres é o ponto principal da comicidade. Para o autor

“o cômico está ligado ao disforme. O que é belo e harmonioso não pode de jeito algum despertar o riso. Os pequenos defeitos espirituais suscitam o riso, tal como os defeitos exteriores. Saber combiná-los artisticamente, saber demonstrar uns através dos outros, constitui o grau mais elevado da comicidade e provoca um surto de riso” (PROPP, 1992, p.176).

O desenho de humor compreende quatro categorias definidas em *histórias em quadrinhos, caricatura, cartum e charge*; e outras tantas que se mesclam, ultrapassando as fronteiras conceituais de cada categoria, como é o caso da *escultura de humor*, onde as características básicas da caricatura são evidenciadas de forma tridimensional. A categoria abordada neste texto será a caricatura. A caricatura se caracteriza por ser um desenho que enfatiza e exagera as características de uma pessoa. Em alguns casos acentua gestos, vícios e hábitos particulares em cada indivíduo. A definição mais comum que se tem de caricatura é “desenho humorístico que prioriza a distorção anatômica, geralmente com ênfase no rosto e/ou partes marcantes do corpo do retratado, revelando também, implícita ou explicitamente, traços de sua personalidade” (RIANI, 2002. p. 34). Para Bergson o humor de uma caricatura está ligado, não apenas ao exagero, ele “não pode aparecer como o objetivo, mas como um simples meio utilizado pelo desenhista para manifestar aos nossos olhos as contorções que ele vê preparar-se na natureza” (BERGSON, 2001, p.20). A caricatura seria a imaterialidade que passa a ser matéria dando lugar a graça propriamente dita. Como se o caricaturista registrasse um estado interior, um estado da alma e o fixasse numa cena.

No desenho de humor a visualidade é o principal meio de comunicação, porém, não se resume apenas ao recurso de ver. Muitas vezes, numa narrativa visual, o que é dito no texto verbal é contrário ao que lemos no texto visual e esta justaposição de textos provoca o humor. Também existe outro recurso chamado de *inferência* que é a capacidade de concluir coisas que não são vistas e que produzem humor pelo fato do sujeito que lê a imagem deduzir a ação omitida. Segundo Riani (2002, p.52-56) existem outras características presentes nos desenhos que geram resultados cômicos: o exagero e as distorções, tanto físico como psicológico; o tom crítico; o

ridículo humano como alvo, vide as quedas e os tropeções; as rupturas narrativas, que valorizam o efeito surpresa como fator do riso (quebra na lógica do discurso e do pensamento linear); o duplo sentido, notado na incoerência entre ação e discurso (desenho/balão) e a paródia, que é uma reinterpretação com apelo cômico de algo conhecido.

O desenho infantil

As teorias sobre o desenho infantil apresentam aspectos distintos quanto à sua prática e aprendizado. Um dos pontos de divergência está no modo como os educadores podem direcionar as crianças e os adolescentes a desenhar. Muitos educadores em arte compartilham das ideias de Lowenfeld(1977) no que se refere ao entendimento de que a atividade artística é o espaço no qual a criança desenvolve suas percepções e seu conhecimento de mundo e que o ensino de arte, consequentemente do desenho, deve propiciar experiências que deixem a criança desenvolver suas expressões. Para este pesquisador o desenho da criança irá refletir sua relação subjetiva com o meio, não importando a representação gráfica resultante da ação de desenhar, mas a transmissão de “sua experiência subjetiva do que é importante para ela no ato de desenhar”, pois, “unicamente demonstra o que se encontra de forma ativa na sua mente”. (LOWENFELD,1977, p.53). O papel do professor compreende em avivar os sentidos e tornar a criança uma produtora ativa e autônoma. O excesso de orientações por parte dos que ensinam, segundo Lowenfeld (1977), impedem a criança de usar a arte como meio de expressão e cita que livros para colorir e desenhos prontos são atividades que obrigam as crianças a um comportamento imitativo e inibem sua capacidade criadora. Tais trabalhos não estimulam o desenvolvimento emocional. Servem para condicionar a criança, levando-a a aceitar como arte e consequentemente como desenho, os conceitos adultos, uma arte que é incapaz de produzir sozinha e que, frustra seus próprios impulsos criadores. Importante esclarecer que as ideias de Lowenfeld são formuladas em meados do século XX quando o ensino de arte tinha como orientação didática a cópia de modelos.

Edith Derdyk (1989) apresenta um estudo sobre o desenho e o seu ensino em que difere a cópia da imitação reforçando esta última como importante forma da criança ampliar seu repertório gráfico. De acordo com Derdyk (1989, p.75) “o ensino de

desenho fundamentado na cópia inibe toda e qualquer manifestação expressiva e original”. Para autora, a cópia possui significado que difere da imitação, uma vez que esta decorre de uma experiência pessoal de apropriação de conteúdos, formas, figuras, através da representação. Para a autora, “a capacidade de imitar só é possível quando a criança está apta a reproduzir e simbolizar imagens mentais sob a forma de linguagem, ampliando o repertório gráfico através da repetição (...) e ampliando o processo de aquisição do conhecimento” (DERDYK, 1989, p.76).

No estudo dos Wilsons (WILSON e WILSON, 2003), a respeito do empréstimo de imagens da cultura feito pelas crianças, os indivíduos que tiveram contato com modelos emprestados da cultura tinham mais habilidade em construir imagens visuais. Eles afirmam que, ao contrário de outros pensadores do desenho, as influências externas estão presentes nos desenhos das crianças e defendem que o desenho que serve de modelo ou referencial para o repertório de imagens da criança é bem mais assimilado do que o objeto natural decorrente deste desenho, pois o desenho está traduzido e é mais fácil perceber sua forma e configuração. Os Wilsons ressaltam a importância da intervenção e a instrução de um adulto para favorecer o desenvolvimento gráfico na criança, pois eles reconhecem no desenho um “processo de aprendizagem de fazer signos *configuracionais*” e que a influência externa ocorre sem comprometer o desenvolvimento individual da criança.

Para Rosa Iavelberg (2006), a criança desenha influenciada pelo meio em que vive. O desenvolvimento do desenho, segundo a autora, não está estagnado em faixas etárias, pois estas variam conforme a “diversidade cultural, os momentos conceituais e as variantes funcionais” (IAVELBERG, 2006, p.11). A linguagem do desenho irá se desenvolver dependendo das abordagens educativas que “são fruto de experiências de aprendizagem influenciadas pela cultura cuja transformação depende de oportunidades e formas de aprendizagem” (IAVELBERG, 2006, p. 26). A autora comenta que cabe ao educador elaborar meios que orientem a criança e o jovem à aquisição da linguagem do desenho. Ela propõe atividades com desenho que colaboram para esta aquisição e para o desenvolvimento da habilidade desenhista. Numa destas propostas, cita as histórias em quadrinhos como ‘modelos visuais da cultura’ na qual a criança e o jovem pertencem e como fonte de interesse dos alunos. Para Iavelberg, são muitas as situações que favorecem o aprendizado e o

desenvolvimento do desenho na sala de aula, entre eles cita “observação de desenhos de colegas e de produtores de desenho da comunidade e outros artistas” e “exercícios com desenho de imaginação, de memória e de observação de outros desenhos e do mundo físico” (IAVELBERG, 2006, p.73).

A produção de caricaturas feitas pelos alunos pode ser considerada um fato relevante frente às propostas de Iavelberg (2006) referente ao desenho na sala de aula bem como nas proposições dos Wilsons (2003) no que diz respeito às oportunidades de aprender a aplicar técnicas desenhistas por meio do professor/instrutor e pela interferência da cultura. O caso a ser apresentado tem como foco o estudo de como as crianças criam e fazem uso dos elementos gráficos no desenho de humor para expressar a graça em seus desenhos e busca compreender se estes elementos são influenciados pela cultura visual no qual estão inseridos. Para tanto proponho relatar a forma como foram apresentados estes elementos visuais aos alunos, como foi o processo de aprendizagem desses códigos e a produção de desenhos autorais. A forma de influência que o meio exerce será sugerida pela análise dos desenhos das caricaturas selecionadas.

O Salãozinho de Humor de Piracicaba

Há quarenta e três anos, a cidade de Piracicaba promove anualmente um concurso internacional de desenho de humor gráfico, o Salão Internacional de Humor. Este salão apresenta ao público visitante a produção gráfica existente em vários lugares do mundo, com suas variantes visuais referentes aos estilos de cada desenhista. O Salão Internacional de Humor, além de realizar a exposição principal, que é o resultado da competição entre os desenhistas de humor, promove também, outros eventos paralelos ao salão, como exposições individuais, mostras temáticas coletivas, oficinas artísticas, entre outros eventos.

O Salãozinho de Humor é um dos eventos paralelos que visa o incentivo ao desenho de humor gráfico através da promoção de um concurso para crianças e adolescentes. A participação é dividida em duas categorias: estudantes de 07 a 10 anos e de 11 a 14 anos da rede pública e privada. As crianças e adolescentes

participam com desenhos inéditos, de autoria própria, nas linguagens do cartum, charge, caricatura e tiras/HQ.

No ano de 2008, em minha prática como professora de arte na cidade de Piracicaba, percebi que poderia desenvolver no aluno um percurso criador pessoal cultivado pela produção cultural da cidade. Foquei meu interesse no desenho de humor, em especial nas caricaturas. Ao questionar os alunos dos Ciclos I e II do Ensino Fundamental sobre o que sabiam sobre o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, poucos mencionaram conhecer o Salão. O desconhecimento de tal evento foi resposta da maioria. Em minhas indagações, eu questionei o fato desses alunos compartilharem a mesma cidade que abrigava um salão de arte de projeção internacional e desconhecerem o evento. Pensando nisso, estudei maneiras de ser o elo entre os alunos e o Salão de Humor. Planejei visitas com os alunos, para que estes tivessem o contato visual com as várias manifestações do desenho de humor através dos textos visuais de diversas partes do mundo e nos mais diferentes estilos, e também, percebessem o processo criador de cada desenhista observado. Este fato, segundo Iavelberg, colabora para o enriquecimento do próprio percurso criador do aluno uma vez que “é preciso que ele seja alimentado com conceitos, procedimentos e valores oriundos da produção social da arte e sobre a arte” (IAVELBERG, 2006, p.77). Além do que o estudante quando realiza uma atividade vinculada ao conhecimento artístico “fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc. o que lhe cerca e também a si mesmo” (HERNÁNDEZ, 2000, p.42).

Quando a criança e o adolescente são incentivados a prática desenhista, a partir de uma orientação mediada pelo contato com imagens e com a decodificação destes signos, estes se sentem encorajados a buscar soluções autônomas da opinião do professor ou de qualquer outro. Para tanto, é necessário buscar formas de pôr em prática tal incentivo. Da mesma maneira que a criança, no início da alfabetização, conhece as letras, depois experimenta juntá-las em palavras e posteriormente frases e textos, desenvolvi com os alunos formas de pesquisar a gramática visual dos desenhos, em especial, o desenho de humor. As aulas percorreram um caminho a partir da pesquisa, análise, leitura, interpretação e produção de histórias em quadrinhos, caricaturas, charges e cartuns.

Após as visitas que fizemos ao Salão Internacional de Humor, observando as produções, analisando estilos, verificando o tipo de humor usado pelos desenhistas gráficos, os alunos, num processo investigativo de pesquisa nas mais variadas fontes, desde o acervo do CEDHU aos jornais e gibis, coletaram os elementos visuais (emoções, movimentos, sons, tempo, espaço) existentes nestes desenhos. Para cada código visual foram sugeridas ações interpretativas por meio de desenho que enfatizassem os elementos pesquisados. Quando houve a pesquisa das expressões faciais dos personagens, por exemplo, propus desenhos que eu imaginava conter muitas emoções, como, 'medo de injeção', 'na sala de espera do dentista', 'entrega de boletim', 'roda gigante desenfreada', entre outras. Dependendo do número de elementos estudados, o desenho apresentava mais informações visuais.

Após a análise de imagens de outros desenhistas, da pesquisa dos elementos gráficos e dos exercícios de interpretação com os códigos visuais, observei que os alunos estavam seguros de suas produções e propus a criação de caricaturas. Na maioria desses trabalhos conseguimos reconhecer a utilização dos recursos visuais estudados.

Além do aspecto estrutural do desenho de humor, na forma como são feitas as expressões faciais, sabendo que cada variante de sobrancelha equivale a um tipo de emoção, ou a maneira como desenhamos os lábios de um personagem arcados para cima ou para baixo remete a um sentimento, percebemos em todas as caricaturas dois elementos que estão evidenciados: o exagero dos elementos visuais e a influência das mídias de comunicação.



Figura 1: Luís Otávio, 13 anos, “*Lady Gaga*”, escola pública estadual, 2011. No desenho acima as características físicas da cantora são representadas pelo penteado, os óculos e a maquiagem. O exagero cômico é pouco utilizado. Fonte: Trabalho de aluno em aula.

O humor no desenho de caricaturas

As caricaturas evidenciam a intenção dos autores, crianças e adolescentes, em acentuar características risíveis da personalidade caricaturada. Em muitos desenhos essas características aparecem como apelo cômico. Tal comicidade varia conforme a idade. Observando alguns desenhos percebi que quanto mais idade a criança tiver, mais características da linguagem do humor gráfico ela utilizará. Nas crianças mais novas, de 8 a 10 anos, o exagero e as distorções são os recursos cômicos que mais aparecem. Enquanto que nos alunos de 11 a 14 anos, surgem além do exagero e das distorções, o tom crítico, o duplo sentido, a paródia, o ridículo humano, entre outras.

Muitas das personalidades caricaturadas fazem parte do repertório cultural e social no qual o aluno está inserido. Na cartilha educativa, material de apoio ao curso “Humor na Sala de Aula”, distribuída aos alunos da rede pública e privada de Piracicaba, o conceito de caricatura vem acompanhado da orientação que “normalmente os indivíduos retratados são personalidades conhecidas, como os políticos, esportistas, cantores, atores de cinema e TV, enfim, gente projetada nas mídias de comunicação” (Cartilha educativa do 14º Salãozinho de Humor de Piracicaba, 2016). A criança e o adolescente, ao pensar numa determinada ‘personalidade conhecida’ para desenhar sua caricatura, o que vem à mente são

sempre as imagens mais divulgadas e projetadas pelas mídias. Da televisão aos canais no *you tube*, as pessoas mais desenhadas são aquelas próximas ao seu meio social e as mais acessadas nos meios midiáticos.

Ao analisar os desenhos de caricaturas feitos pelos alunos, no período de 2008 a 2016, percebi que a maioria das personalidades retratadas eram pessoas de destaque momentâneo, que estavam insistentemente nos noticiários, sendo esquecidos conseqüentemente pela substituição de outras figuras que tornavam conhecidas, pela veiculação incessante de sua imagem. Personagens de novela com frases e comportamentos clichês que ‘grudam’ no vocabulário e nas atitudes do público; casamentos suntuosos entre ‘celebridades’; casos de catástrofes ocorridas com personalidades e mostradas com veemência; casos de morte de alguma figura famosa onde a biografia do defunto é repetida exaustivamente são personalidades mais desenhadas pelas crianças nas caricaturas examinadas. Como o caso da cantora britânica *Amy Winehouse*, cuja ocasião de sua morte, coincidiu com o período de inscrições de trabalhos para o Salãozinho de Humor e a quantidade de trabalhos enviados, surpreendeu até mesmo o júri de seleção. A cantora *LadyGaga* quando apareceu nos meios de comunicação vestida de carne animal; os ‘fenômenos’ futebolísticos Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, o primeiro por ter engordado e o segundo por ter dentes grandes. Luciano Huck e Galvão Bueno por terem narigão. Em todos estes casos, os alunos representavam não a informação que eles concluíam das figuras, pela experiência de ver e concluir a partir do que viu, mas utilizavam das características que a própria mídia ressaltava das personalidades em seus programas e imagens, veiculados pelos quatro cantos do país.



Figura 2: Laura, 12 anos, “Chiquinha”, escola pública estadual, 2013. Na caricatura da personagem da Turma do Chaves percebemos a graciosidade do conjunto visual, sem alterações ou exageros de características físicas. Fonte: Trabalho de aluno em aula.

Outro caso a ser comparado a este são as caricaturas de personalidades que não participam deste movimento de ‘fama’ momentânea. Existem personalidades que parecem manter um lugar fixo no imaginário visual dos alunos, talvez pelo excesso de repetição e tempo de exibição: os personagens da Turma do Chaves, Sílvio Santos, Faustão, Luciano Huck, Roberto Carlos, entre outros. Nestes personagens as caricaturas também apresentam exageros e distorções, porém tais elementos são suavizados e carinhosamente agraciados.

Nestes casos observados, percebe-se que a criança vê o que a mídia induz ela a ver. E essa ‘visualidade’ age como sendo uma verdade inquestionável pra a criança. Fernando Hernández (2000) em seus estudos sobre cultura visual, afirma que o universo visual é e sempre foi mediador de valores e que é necessário ensinar a criança e o adolescente a interpretar o meio em que vive, pois “o visual hoje é mais plural, onipresente e persuasivo que nunca” (HERNÁNDEZ, 2000, p.29). O autor discute o papel da arte como aliada na educação, cuja finalidade é a de “ajudar a compreender a realidade, a continuar o processo de examinar os fenômenos que nos rodeiam de uma maneira questionadora e construir versões e visões alternativas” para esta realidade. Também é necessário “encontrar referências que lhes permitam avaliar, selecionar e interpretar a avalanche de informações que

recebem todos os dias” (HERNÁNDEZ, 2000, p.32 e p.50) cabendo ao professor, realizar essa mediação.



Figura 3: Ana Laura, 12 anos, “*Amy Winehouse*” escola particular, 2011. Apesar de existir exagero na quantidade de garrafas de bebidas alcoólicas e cigarros; nos dentes cariados e no topete, a cantora é caprichosamente retratada. Fonte: Trabalho de aluno em aula.

Em quase todos os casos de exagero e distorções das figuras caricaturadas os elementos gráficos representativos do humor são sempre o aumento das características físicas, como nariz saliente, a bocarra, cabeça desproporcional, orelhas de abano, olhos disformes, um ou outro elemento que representa a pessoa, entre outras formas. Nas caricaturas de Amy Winehouse observamos que o exagero está presente nas características físicas que a cantora apresenta diante do público: maquiagem marcante nos olhos, topete pronunciado nos cabelos, tinta acima dos lábios, boca extravagante pintada. Em todas as idades notamos tais características. A característica que marca a personalidade conturbada da artista, seu aspecto psicológico, se reflete, como por exemplo, no desenho de copos e garrafas de bebida alcoólica, cigarros, etc.

Até mesmo, o fato que foi exaustivamente pronunciado pela mídia, em que a cantora apareceu visivelmente abalada, parecendo estar bêbada, com um seio à mostra, foi desenhado. O que sugere a influência do meio na formação de repertório imagético da criança.

Num caso mais recente, o pedido de *'impeachment'* da presidenta eleita Dilma Rousseff cuja repercussão atingiu níveis internacionais, ocorreu próximo das inscrições do Salãozinho de Humor e também gerou muitos desenhos entre caricaturas, tiras, charges e cartuns. Em número desproporcional, dispararam as caricaturas e as charges. Nas caricaturas estavam presentes as distorções e os exageros, mas com um diferencial. Percebi que nas caricaturas da presidente afastada havia enorme quantidade de elementos depreciativos tanto de ordem física como de ordem psicológica. A diferença entre as caricaturas de Amy Winehouse e de Dilma Rousseff está na percepção de haver na primeira figura, certa dose de carinho e admiração, enquanto na segunda, ser evidente a repulsa, o escárnio, a raiva e sentimentos de vingança. Durante todo o processo do pedido de *'impeachment'*, houve um esforço de todas as mídias comunicativas de massa em evidenciar os casos de suposta corrupção. Esse empenho em informar muitas vezes não é neutro ideologicamente podendo ser um possível meio de ditar modos de ver. Uma abordagem unilateral pode resultar num discurso hegemônico sobre uma figura exibida, caso da presidente afastada. Essa hegemonia se refletiu nos desenhos dos alunos. O tom crítico, característico dos desenhos de humor, revela-se nestes desenhos de forma apelativa, no limiar da perversidade.

Num desenho que se pretende engraçado, a figura da presidente afastada Dilma Rousseff, foi retratada de distintas maneiras dentro de um espectro execrável. A desfiguração da pessoa; o exagero distorcido das formas físicas; a adição de símbolos e elementos deturpadores são aspectos encontrados nas caricaturas. Para representar a graça, as crianças recorriam à desgraça do personagem caricaturado. Diabo, fezes, vômito, catarro, escarro, excreções de todos os tipos, feridas, machucados, cicatrizes, cáries, piolhos, cabelo sujo, mosquito *aedesaegyptis*, ladra, musculosa, louca, malvada, com chifres, dentuça, com rabo, estrábica, capivara, interesseira, destruidora de mundos, jumenta, bandida são os adjetivos encontrados nas caricaturas para explicitar o exagero cômico. Diante deste panorama, fica a pergunta: seria o desenho neste caso uma forma de depósito de aflições, percepções e angústias geradas nas crianças pelo excesso e velocidade de informações? Os signos depreciativos estariam de certo modo sendo fabricados a partir de uma hegemonia nos modos de ver? A caricatura desenhada por uma criança ou adolescente refletiria a quebra ou reforçaria a manutenção dessa

hegemonia? A resposta a tais questões demanda uma pesquisa mais aprofundada sobre a maneira pela qual a cultura visual produz olhares sobre nós, sobre os outros e sobre o mundo. É necessário compreender qual o efeito que um discurso hegemônico pode produzir nas crianças e adolescentes, conseqüentemente numa sociedade, para que possamos desenvolver um olhar mais aguçado e crítico sobre a maneira como apresentamos a produção social cultural aos alunos.

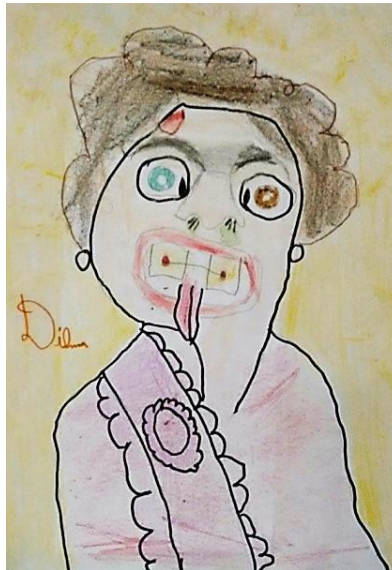


Figura 4: André Luís, 9anos, “**Dilma**”, escola pública, 2016. Nessa caricatura a presidenta afastada é retratada com ferida na testa, olhos esbugalhados, narinas com secreções, dentes separados e unidos com aparelho ortodôntico, boca aberta e língua de fora. Fonte: Trabalho de aluno em aula.

Inquietações

O trabalho com o desenho de humor na forma de caricaturas apresenta dois lados divergentes de uma mesma prática. De um lado, notamos que as crianças são as primeiras a incorporarem as ‘verdades’ veiculadas pela mídia. Elas assimilam os discursos ideológicos, tanto verbais como visuais, de uma sociedade. Os desenhos podem refletir a força hegemônica desses discursos indutores de condutas e pensamento. Porém, o contato dos alunos com um maior número de estilos de desenhos, possibilita que os mesmos visualizem como cada desenhista resolve graficamente suas piadas, seu pensamento, seus códigos visuais de humor, seu modo singular de resolver situações. Este pode ser o início de um processo pelo qual o cultivo de experiências nos mais diferentes repertórios culturais possa desenvolver um olhar mais aguçado e crítico sobre as imagens das mais diferentes produções

culturais. Para isso, é urgente uma educação pela arte que enfatize as práticas do olhar. Olhares divergentes, múltiplos, inquietos!

Referências Bibliográficas

- ARSLAN, L.M.; IAVELBERG, R. *Ensino de Arte*. São Paulo: Thomson, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação. Leituras no subsolo*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- _____. (org.). *Ensino da arte: Memória e História*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BERGSON, Henri. *O Riso. Ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAGNIN, Antônio Luiz. *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- DERDYK, Edith. *Formas de Pensar o Desenho*. São Paulo, Scipione: 1989.
- GOMBRICH, Ernest. *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- IAVELBERG, Rosa. (org.) *Lá vai Maria material de apoio ao professor*. São Paulo: Centro Universitário MariAntonia, 2003.
- _____. *O Desenho Cultivado da Criança*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.
- LOWENFELD, Victor. & BRITAIN, W.L. *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Editora Ática: São Paulo, 1992.
- QUELLA-GUYOT, Didier. *A História em Quadrinhos*. Edições Loyola: São Paulo, 1994.
- RAMOS, Paulo. *A Leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RIANI, Camilo. *Linguagem & Cartum... Tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.
- RODARI, Gianni. *A gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.
- WILSON, B.; WILSON, M. *Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de crianças*. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

Elisângela de Freitas Mathias

Graduada em Ciências Sociais pela UNESP/Marília e licenciada em Educação Artística pela UNESP/Bauru. Especialista *lato-senso* em Linguagens da Arte pelo CEUMA/USP. Mestranda pelo PROFARTES – IA-UNESP/São Paulo. É professora de Arte da rede pública estadual, artista plástica e ilustradora infantil.